

9- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

9.1- Observação local

Ao chegar pela primeira vez na Vila Mimosa, observei bastante o ambiente, tentando me prender a detalhes. Naquele dia, resolvi que o mais importante era entender aquele meio e as pessoas que nele vivem e trabalham, para depois elaborar as perguntas e entrevistá-las.

Fiquei instalada no ambulatório da Vila, localizado em um trailer na calçada da Rua Sotero dos Reis, juntamente com o ginecologista e a enfermeira. Soube que tal trailer era mantido pelas próprias prostitutas e pelas donas das casas, que deixavam tudo limpo, ar condicionado ligado e tudo muito conservado.

A fila para a consulta com o médico já se formava muito antes de chegarmos, já que só são atendidas por semana dez pacientes (os atendimentos no ambulatório são apenas às terças). Elas chegavam deixavam seu nome numa lista junto à enfermeira e aguardavam sua vez de serem atendidas. Enquanto aguardavam, ficavam sentadas nas poucas cadeiras da minúscula sala de espera do trailer ou na porta do ambulatório, sempre conversando entre si. Algumas me observavam com olhar de estranhamento, visto que eu nunca estive ali e até me perguntaram se eu era uma nova enfermeira ou uma estagiária, visto que estava sempre de jaleco. O uso do jaleco foi por solicitação da enfermagem, já que eu estaria dentro do ambulatório.

Observei que todas se conheciam e sabiam em que casa cada uma trabalhava. Elas se tratavam com certa intimidade e não se sentiram retraídas com a minha presença no local. Os assuntos eram diversos: saúde pública, preço de supermercado, algo que havia acontecido na vila etc. A falta de dinheiro era sempre algo de destaque, pois era visível a dificuldades que muitas tinham para pagar as contas, exames médicos, comprar coisas etc.

Durante as conversas na sala de espera, soube de diversos casos ligados às atividades delas, dentre eles: das mortes de mulheres cujos maridos descobrem sua profissão e terminam com a vida delas dentro dos quartos, da busca por programas para pagarem o excesso da conta do cartão de crédito, das brigas por clientes, prostitutas que o marido levava e trazia da zona ou aquelas

que o marido nem imagina que trabalham ali, além de mulheres que estavam doentes ou viciadas etc.

As idades variavam muito e estilo de mulheres também. As roupas eram muito humildes e poucas: geralmente era um top e um short curto ou um vestido, sandálias rasteiras ou de salto alto (essas em número menor), com maquiagem simples. Cabe lembrar que estive na Vila Mimosa nas terças-feiras pela manhã, poucas mulheres fazem programas a essa hora e muitas estão ali para serem consultadas e depois ir embora, ou seja, não estão vestidas para a batalha.

Observei também que poucas têm cuidados aprimorados com o corpo, geralmente não são corpos definidos e bem torneados, os cabelos nem sempre estão “em dia”. Trata-se de uma zona de baixo meretrício, onde os programas são feitos como fonte de renda de subsistência e não sobra muito dinheiro para algumas vaidades. Somente uma das mulheres falou sobre a importância de cuidar do corpo e de fazer ginástica para manter o corpo em forma. Ela era uma prostituta de 46 anos e acreditava que deveria fazer academia inclusive para poder concorrer com as meninas mais jovens, que nem sempre tinham o mesmo cuidado.

9.2- As Entrevistas

A média de idade entre as mulheres entrevistadas foi de 38 anos, porém deve se ressaltar que podiam ser vistas pela Vila mulheres de diversas faixas etárias nos bares da Vila, conforme confirma o que Pasini (2005) já havia encontrado. Entretanto, só entrevistei, conforme dito anteriormente, as que frequentaram o ambulatório médico, tendo como quesito obrigatório o fato de ter filhos.

Metade das entrevistadas tem segundo grau completo e a outra metade parou seus estudos durante o ensino fundamental. O que demonstra que não existe um perfil educacional elevado entre as mulheres que trabalham na Vila Mimosa, conforme visto por Moraes (1995).

Em relação ao estado civil das entrevistadas, oito mulheres disseram que são solteiras e duas responderam que são separadas, o que vai ao encontro dos dados encontrados por Moraes (1995), que justifica que as mulheres preferem ficar sozinhas devido aos bloqueios que alguns arranjos podem causar.

Dividirei a análise das entrevistas em duas categorias: vida na prostituição e vida com a família. A primeira está relacionada à profissão em si, sendo dividida em subcategorias referentes ao tema. Já na segunda, será debatido a vida da entrevistada fora da prostituição e de como a profissão interfere em sua vida particular.

Categoria 1: Vida de prostituta

1.1- Forma de inserção na prostituição

As mulheres comumente chegaram a Vila Mimosa por intermédio de alguém que já trabalhava previamente no local, devido às dificuldades econômicas e ao desemprego. De acordo com Bacelar, a zona de baixo meretrício é uma prostituição da pobreza, uma última alternativa da mulher ganhar a vida. Prostitutas têm conhecimento das dificuldades financeiras na vida das amigas ou parentes, conforme visto em Simões (2010), e apresentam a proposta de trabalho na prostituição, que tem como principal ponto a sua independência financeira que outros trabalhos dificilmente possibilitariam.

De acordo com as entrevistadas, o motivo principal que as levou a prostituição foi a falta de oportunidade no mercado de trabalho ocasionada pelo nível baixo de instrução, já que a maioria realizou somente o ensino fundamental e muitas entrevistadas nem o completaram. Geralmente, a prostituta atribui aos problemas sociais – desemprego, drogas, imigração- um meio de justificar sua inserção no meio prostitucional, aliviando, assim, as pressões sociais ocorridas pela escolha feita. Ao se inserir, a mulher se encontra em posição de vulnerabilidade, com necessidade de estabelecer uma nova estrutura de sua vida, tendo os problemas pessoais subordinados às justificativas sociais determinantes para a escolha pela prostituição, confirme o que foi visto por Simões (2010).

A permanência na prostituição se dá pela remuneração considerada rápida, o que, nas palavras das entrevistadas, as acomoda e adiam a saída da profissão. Elas dizem que gostariam de sair, mas preferem juntar um “pé de meia” antes para poderem montar um negócio próprio posteriormente. Muitas conseguiram com o dinheiro da prostituição dar auxílio e certo conforto a família, tanto de origem, quanto a formada, o que, não conseguiriam em um

emprego “comum”. Uma das mulheres, por exemplo, pagou a faculdade de dois irmãos, sustenta um filho e ainda ajuda a mãe a pagar as contas. O que elas alegam é que dificilmente iriam conseguir a mesma remuneração se trabalhassem de carteira assinada, pois, quando a situação financeira aperta, elas podem aumentar o número de clientes e arrecadarem mais dinheiro de uma forma mais rápida. Metade das mulheres trabalha em outro emprego além da prostituição como faxina, tomando conta de alguma loja ou, até mesmo, como gerente de uma das casas de prostituição. Duas outras fazem ponto em outros lugares, dizendo que há outras zonas que dão um lucro maior que a Vila Mimosa, já que ela está em seu período de decadência.

1.2- Frequência na prostituição

A maioria das entrevistadas trabalha aos fins de semana, pois alegam que é durante esse período que conseguem mais clientes, fazendo em média cinco clientes por dia. Cabe lembrar que cada programa na Vila Mimosa vale no mínimo 25 reais, sendo 5 reais para o aluguel do quarto e 20 reais para a garota. Algumas mulheres me relataram que muitas mulheres – elas não se referem a elas próprias - acabam fazendo o programa por menos para não perder o cliente e outras porque são usuárias de drogas e fazem qualquer preço para poderem comprá-las.

Uma entrevistada relatou que existem clientes que vão à Vila para pechinchar o preço dos programas e, muitas vezes, a mulher ainda não ganhou nada naquele dia nem pra comer nem para pagar o ônibus de volta para casa e acaba aceitando a proposta e fazendo mais barato. Isso acarreta uma acomodação desses homens que acabam contando para outros que vão atrás das mesmas regalias. De acordo com Moraes (1995), a falta de dinheiro acaba fazendo que as mulheres do baixo meretrício sejam mais flexíveis com as normas e permitam tal “desconto” no preço do programa, a fim de conseguirem ganhar algum ao menos para voltar para casa ou comer.

As mulheres entrevistadas já se encontram em média há 7,7 anos na prostituição, tendo metade delas começado na própria Vila Mimosa e a outra metade em outras zonas do Rio de Janeiro, vindo parar na Vila por intermédio de outras prostitutas amigas ou porque ouviram falar bem do local e resolveram experimentar.

1.3- Clientes

Em relação aos homens que frequentam a zona, as mulheres alegam que eles vêm em busca de relações sexuais com posições diferentes e com desabafos sobre sua família e seu trabalho.

Para as entrevistadas, as esposas ou namoradas não são tão “liberadas” conforme pensa o senso comum, não realizando certas posições e certas práticas (como sexo oral ou anal) devido aos pudores envolvidos. Além disso, elas acreditam que muitos homens ainda têm a fantasias envolvendo prostitutas, pagando-as para fazer o que eles querem, o que não vão conseguir fazer com outras mulheres. Moraes (1995) define que as prostitutas se tornam “especialistas” em práticas sexuais diferentes, tais como sexo anal e sexo oral, pois são a melhor forma de obter maiores ganhos, já que muitos homens vem buscar com a prostituta o que não conseguem com outras mulheres.

Os homens se queixam para as entrevistadas que as suas esposas ou namoradas não lhe dão assistência, e que elas, as prostitutas, são pessoas muito atenciosas e prestativas. Alguns homens, então, pagam um programa para poderem conversar e desabafar com alguém, sem realizar a parte sexual. As entrevistadas dizem que eles são muito carentes de atenção e carinho.

Algumas das entrevistadas falaram que os homens procuram seus serviços porque homem é pervertido, fica querendo “sacanagem”, “transar com todas”. Segundo o que foi visto por McKeganey e Barnard (1996) em suas pesquisas, os homens têm cinco motivos básicos que os estimulam a buscar prostitutas, são eles: a possibilidade de ter tipos específicos e particulares de atos sexuais, que eles (clientes) gostariam de desempenhar ou que desempenhassem com eles; a capacidade de fazer sexo com diferentes tipos de mulheres; ter relações sexuais com mulheres com atributos físicos específicos; a emoção de fazer algo que não seja socialmente aceito; e a vantagem do contato sexual com a prostituta ocorrer naturalmente de forma limitada e sem emoções.

Quando perguntei qual era o público masculino que frequentava a Vila, as entrevistadas foram unânimes: todos os tipos de homem – casado, solteiro, pobre, rico, feio, bonito -, porém com predominância dos casados. Uma das entrevistadas até me explicou que os solteiros vêm mais para “zoar”, tomar

umas cervejas e olhar as mulheres, enquanto os casados vêm atrás só dos programas. Tal dado confirma a “normalidade” dos clientes vista por Leonine (2004) em seus estudos, onde a autora observa que essa normalidade nos demonstra a necessidade de procurar mais de uma causa ou motivação para a busca dos homens pela prostituição. E Sousa (2000) complementa que o cliente real, muitas vezes, nada tem a ver com o cliente do imaginário social, que é um indivíduo sem cultura, sem instrução, sem moral, pertencente a um nível social carente em todos os sentidos ou, então, trata-se de um turista que quer companhia durante sua estada ou, ainda, indivíduos que tem alguma espécie de problema sexual.

1.4- Uso de drogas

Em relação a drogas, apenas uma entrevistada assumiu utilizar drogas ilícitas atualmente e duas disseram que já usaram e que pararam devido ao prejuízo financeiro causado e também pelos apelos das famílias. Uma delas disse que um dia observou o filho brincando no frio sem ter um casaco para usar e se deu conta que todo dinheiro que ela ganhava na prostituição estava indo para as drogas, não tendo condições de comprar um agasalho para o filho. Esse dado questiona um pouco os encontrados na bibliografia que afirmam que a maioria das mulheres utiliza drogas até como um meio de aliviar o estresse e camuflar a repugnância que muitas sentem em realizar programas. Utilização de drogas não é um assunto que é tratado com conforto e não foi diferente com as entrevistadas, que se mostraram um pouco envergonhadas ao assumirem seu uso. O receio do olhar crítico, do preconceito ou até de um discurso recriminador por minha parte pode ter gerado um certo desconforto ao fazer tal revelação.

Entretanto, o álcool e o cigarro são comuns entre as entrevistadas que alegam que o ambiente propicia seu uso e que assim se sentem mais relaxadas para fazerem os programas. A Vila Mimosa é composta por diversos bares e muitos clientes iniciam a noite tomando cerveja, batendo papo e observando as mulheres que se sentam junto e acabam bebendo. Em muitos casos, as mulheres são estimuladas pelos donos das casas a incentivar o uso de bebidas pelos clientes para que eles façam uma despesa maior no estabelecimento.

1.5- Uso de preservativos

Questionei as entrevistadas sobre o uso do preservativo com os clientes e todas tiveram um discurso bastante determinado sobre a importância de usar e que não aceitavam de jeito nenhum o não uso durante as relações profissionais. A maioria falou que muitos clientes oferecem mais dinheiro e insistem para que a camisinha não seja usada, mas elas negam, pois sabem do risco que esse tipo de atitude pode lhes acarretar. Entretanto, alegam também que outras mulheres acabam aceitando esse tipo de proposta devido à necessidade financeira que passam no momento ou então, para comprar drogas, como Morais (1995) havia descrito.

Essa resposta pode ser um pouco questionável, visto que a Vila Mimosa é frequentada por mulheres de baixa condição financeira e a própria zona, nas palavras das entrevistadas, enfrenta atualmente uma crise, com uma redução de clientes. Tratando-se de prostituição, usar preservativo, principalmente em uma zona regida por uma Associação e uma ONG com diversos programas de conscientização, passa a ser uma resposta socialmente aceita. Entretanto, como a média de idade entre as mulheres é elevada (38 anos) e a maioria já está na prostituição há muitos anos, o nível de conscientização dos riscos e “maturidade” profissional poderá ser maior, pois já não encaram a profissão como uma aventura e sim como um meio para sustentar sua família. Porém, o aspecto da idade elevada passa a ser também um problema para essas mulheres, pois existem concorrentes bem mais novas que acabam conquistando mais clientes, tornando a competição um pouco desleal e diminuindo ainda mais o número de programas das entrevistadas. Portanto, fica difícil de afirmar o quanto elas podem estar sendo verdadeiras em suas respostas e se em um momento de crise financeira essas propostas realmente não são aceitas.

1.6- Saída da prostituição

Todas as mulheres entrevistadas desejam sair da prostituição e construir vida profissional em outra área, montando um negócio próprio ou trabalhando de carteira assinada em emprego dito “digno”. Entretanto, antes da sua saída, pretendem fazer um “pé de meia” para não precisarem retornar à prostituição e para conseguirem dar entrada nos investimentos que almejam.

Uma das entrevistadas disse que utiliza seu dinheiro, além do sustento seu e de sua família, para construir uma barraca de vendas. Ela afirmou que quando essa barraca estivesse pronta, ela largaria a prostituição. Mas antes precisaria continuar a trabalhar para pagar a construção e garantir um “pé de meia” para o início do investimento.

Outra entrevistada disse que está querendo sair da prostituição, mas tem dificuldade em encontrar emprego. Ela já colocou seu currículo em diversas empresas e não foi chamada para nenhuma. Eu a perguntei se ela sairia mesmo se fosse para trabalhar ganhando apenas um salário mínimo e ela me respondeu que sim, que quer largar de qualquer forma.

Entretanto, foi visto também que a saída da prostituição pode estar ligada ao casamento, conforme foi observado por Soares (2010) em sua pesquisa na Vila Mimosa, muitas mulheres largam a prostituição porque se casam.

Duas entrevistadas disseram pretender largar a prostituição em breve porque estão namorando e querem se casar com seus respectivos companheiros. Porém, primeiro, elas pretendem juntar dinheiro e vivenciarem um pouco mais o relacionamento para poderem sair com mais segurança da prostituição.

Outra entrevistada mencionou que já está saindo da prostituição porque se casou com um “velho” e está morando em uma casa que ele lhe deu para morar com seu filho. Essa declaração vai ao encontro com o que Fonseca (1996) descreveu como o desejo de qualquer prostituta de encontrar alguém - os chamados “velhos”- que a sustente, sem precisar morar com esse homem como marido.

Além da questão financeira e de casamento, um terceiro motivo surgiu dentre as entrevistadas: o corpo. A prostituição deve ser largada porque é uma profissão muito cansativa para o corpo, fazendo envelhecer rápido. Algumas entrevistadas ainda acrescentaram que, conforme envelhecem, mais difícil fica de arrumar clientes potenciais, pois a concorrência com as prostitutas mais novas é injusta.

Uma das causas que estimularia a saída de uma das entrevistadas é o fato de sua filha estar virando “mocinha” e precisa de mais atenção e cuidados nesse momento. Este fator se relaciona com o discurso de Gabriela Leite (2009) quando se refere ao conservadorismo que as prostitutas têm em relação

aos seus filhos, principalmente as suas filhas, que muitas vezes, gostaria que se casassem virgens.

Categoria 2- Vida de Família

2.1- Namorados e companheiros

Sete entrevistadas são solteiras e as outras três são divorciadas, mas só vieram trabalhar na prostituição depois que o casamento terminou. A metade tem um relacionamento atualmente, sendo que uma mulher tem relação com o que é chamado de “velho” e outra tem um relacionamento homossexual com uma mulher que é gerente de uma das casas.

O “velho” da entrevistada deu a ela uma casa para morar junto com o filho e a sustenta, reduzindo a necessidade de fazer programas e conseguindo assim uma melhoria de vida, privilégio de poucas conforme Fonseca (1996).

Já a entrevistada que vive uma relação homossexual apresentou um relacionamento mais cúmplice e de maior companheirismo, que segundo Pasini (2000) e Beauvoir (2009) é o tipo de relacionamento em que muitas mulheres encontram relaxamento e prazer. As duas convivem bem na Vila e não têm ciúmes dos clientes, mas a parceira está sempre presente durante o trabalho, impondo respeito aos clientes.

Essas mulheres conheceram seus parceiros (e parceira) dentro da prostituição, quatro foram clientes, o que questiona a ideia que a prostituta não se envolve emocionalmente em seu trabalho (Leite, 1992; Pasini, 2000). Segundo as entrevistadas, eles querem que elas saiam da prostituição, porém há o receio por parte das mulheres do relacionamento não seguir em frente e elas não terem com quem dividir as despesas, tendo, assim, que voltar a se prostituir por falta de dinheiro. Preferem continuar um tempo na batalha, juntando dinheiro, até conseguirem ter uma boa poupança ou arrumarem um emprego fora da zona. Este quadro muda um pouco o visto por Gaspar (1985), que as mulheres largavam a prostituição logo que arrumavam alguém para casar e que as sustentassem. Nos dias de hoje, as prostitutas não largam da profissão logo que arrumam alguém, elas preferem observar como o relacionamento vai caminhar e poder garantir um sustento, se houver uma separação.

Elas ressaltaram que seus parceiros têm ciúmes de sua profissão, apesar de terem as conhecido nesse meio, inclusive um deles não sabe que sua namorada continua frequentando a Vila Mimosa, conforme Fonseca (1996) já apontara.

Entretanto, há uma separação bem nítida entre freguês e cliente no critério do uso de preservativo: quatro das cinco entrevistadas que tem namorado disseram não usar preservativo com eles, dado visto anteriormente por Bacelar (1982). Mckeganey e Barnard (1996) levantaram a questão da manipulação do uso do mesmo corpo em relações sexuais com finalidades diferentes: separando as relações sexuais com clientes que lhe geram recursos financeiros das relações sexuais inseridas em um relacionamento amoroso, recorrendo à estratégias, tais como nome de guerra e uso de rituais. Além das segregações feitas por elas, há a imposição feita por seus parceiros: uma delas admite que seu companheiro não aceita o uso de preservativos, o que Bacelar (1982) alega ser uma forma de demonstração de fidelidade e de controle sobre a mulher. Tal medida acaba pondo em risco a saúde das mulheres, pois não estão protegidas contra uma Doença Sexualmente Transmissível (DST), apesar de terem noção dos riscos. A entrevistada que diz que usa camisinha inclusive com namorado se considera neurótica com nesse assunto, pois possui instabilidade em seu ciclo menstrual e o uso do preservativo lhe dá a segurança de não estar grávida, tranquilizando-a. Ou seja, sua principal preocupação é o risco de uma gravidez surpresa, não sendo citado o receio de uma DST.

As demais entrevistadas que não têm namorados afirmam ter dificuldades para arrumar um e, principalmente, para mantê-lo, julgando que essa questão dá muita “dor de cabeça” devido aos problemas que lhes estão associados. Elas alegaram sofrer muitos preconceitos e que os homens assumiam uma posição mais controladora, criticando a maneira de se vestir e de se portar, o que Dallas (2001) e Pasini (2000) já haviam descrito em suas pesquisas. Elas dizem que preferem ficar sem ter namorado e assim evitar maiores transtornos para as suas vidas.

Uma entrevistada frisou que é muito difícil arrumar namorado. O último, por exemplo, que ela teve, a criticava suas roupas, dizendo que tinha que usar blusas sem decotes e bermudas compridas. Era tanta exigência que ela o deixou para lá, pois ficou imaginando como seria se ele soubesse que ela trabalhava ali. Então, quando ela arruma namorado, tem que esconder sua condição,

dizendo que trabalha em casa de família e que vai dormir lá algumas noites. Ela diz que tem essa atitude porque existe muito preconceito e, geralmente, os namorados que ela arrumava eram muito rigorosos. Já em relação a arrumar namorado na Vila, ela disse que também não dá certo, pois geralmente eles querem explorá-la, ganhando dinheiro através delas. Como sua conclusão, ela acha melhor nem ter namorado.

2.2- Família de origem

A relação com a família de origem nos dias de hoje é vista pela maioria como boa, ocorrendo contatos frequentes. Entretanto, de acordo com a narrativa das entrevistadas, somente quatro tiveram uma infância considerada boa, mas dentre essas, quatro apenas duas não colocaram um “porém” em suas falas. Percebi que se trata de um tema difícil de ser falado e que elas poderiam ter dado a resposta inicial como “boa” por ser a mais aceita socialmente e quando eu as indagava como havia sido sua infância, alguns detalhes iam surgindo.

Os problemas da infância da maioria das entrevistadas estiveram relacionados à figura paterna. Alguns desses pais eram alcoólatras, o que os transformava em pessoas violentas e agressoras, o que fez algumas entrevistadas vivenciarem momentos de violência doméstica. Muitas dessas agressões eram feitas nas mães das entrevistadas, o que levou a uma a ameaçar seu pai com uma faca na mão. A entrevistada em questão demonstrou muita raiva ao descrever a cena, mas depois tentou dar uma amenizada no relato me falando que seu pai é o seu melhor amigo hoje em dia, pois largou a bebida. Segundo Soares (1999) e Vasconcelos (1990), diversos fatores relacionados ao contexto inter-relacional, entendido pelas relações ocorridas no interior da estrutura familiar que são de origem desorganizadora, tanto social como psicologicamente, podem estar envolvidos nas causas pela busca da prostituição das entrevistadas.

Dois das entrevistadas alegaram que o pai era machista e repressor, que tinha o controle da casa e não as permitia fazer nada. Uma delas diz ter sido expulsa de casa por ter perdido a virgindade antes do casamento aos 16 anos. E segundo essa mesma mulher, caso seu pai soubesse que ela trabalha na prostituição, ele nunca iria deixá-la por os pés em sua casa.

Duas outras entrevistadas disseram que seu pai abandonou sua família e foi viver com outras mulheres e nunca mais deu notícia. Alegam, inclusive, que se cruzarem com os mesmos na rua nem serão capazes de reconhecê-los.

Duas entrevistadas disseram que trabalhavam durante a infância e não tiveram como aproveitá-la, chegando a dizer que não tiveram nem infância nem adolescência. Uma delas começou a trabalhar aos 9 anos em casa de família e disse que ela virou “filha dos patrões”, pois, além de morar na casa da família onde trabalhava, eles que decidiam aspectos particulares da vida dela, como em que escolas ela iria estudar.

Uma entrevistada disse que seus pais foram um obstáculo na vida dela e que merecia ter tido pais melhores. Ela criticou muito a visão que seus pais tinham em relação ao mundo, o pouco valor dado os estudos e sua maneira de criar os filhos. Os pais somente a colocaram na escola por ser uma obrigação e não incentivavam o seu desenvolvimento, o que ela justifica por terem sido analfabetos e nunca souberam da importância de uma boa educação. Além disso, criticou também o fato de seus pais deixarem seus irmãos mais velhos tomando conta dela, afinal também eram crianças e utilizavam do medo para controlá-la, o que ela diz tê-la prejudicado em sua vida adulta. A partir de sua vivência, a entrevistada disse que nem todo mundo deveria ter filhos, somente aqueles que têm vocação para criá-los e respeitá-los, o que são poucos.

Em relação às mães, as entrevistadas retrataram uma imagem mais calma, um pouco submissa e trabalhadora. Algumas mães, conforme vimos, sustentaram as entrevistadas sozinhas e as protegeram da violência de seus pais. Mais da metade das mães ficam com os filhos das entrevistadas para elas irem para a zona e quatro delas sabem que as filhas trabalham como prostitutas.

Como muitas mulheres não têm condições de colocar seus filhos em creches integrais ou de pagarem uma pessoa para tomar conta deles, as mulheres deixam seus filhos com sua mãe ou com alguns parentes, conforme descrito por Bacelar (1982). Entretanto, algumas mulheres dão uma remuneração à seus parentes por cuidarem dos filhos, alegando ser uma ajuda de custo, para pagar as contas. Uma das entrevistadas diz que deixa seu filho aos cuidados de uma tia e que usa parte do dinheiro que recebe da prostituição para pagar a essa tia. A partir disso, essa tia assume o papel de criadeira descrito por Bacelar (1982).

O fato de saberem da real profissão da filha faz essas mães compartilharem de um segredo familiar que muitas vezes fica entre as duas. A maioria das entrevistadas disse que a mãe não comentou absolutamente nada quando soube da prostituição das filhas, o que, de acordo com Ferreira (1963), seria um mito familiar, segredos familiares protegidos por seus membros, que podem ou não concordar com os mesmos, porém devem aceitá-los como um tabu e, assim, manter a identidade familiar. Esse segredo não é necessariamente aceito, mas conformado pela família por ser um jeito de resolver um problema da filha, que tem a promessa de logo sair da prostituição.

Uma das entrevistadas disse que sua mãe não falou nada quando lhe contou que estava se prostituindo, porém ela acredita que sua mãe entenda o período que está passando financeiramente e que sabe que ela sairá da prostituição assim que resolvê-lo. Enquanto isso, ela toma conta do filho da entrevistada sem contar a ninguém sobre a profissão da filha.

Outras mães se posicionaram contra a escolha e, mesmo não contando nada, as entrevistadas percebem esse movimento de contrariedade. Entretanto, é um tanto contraditório, pois essas mães aceitam de suas filhas prostitutas auxílios para pagarem suas contas.

Uma entrevistada disse que acredita que sua mãe não concorda com sua escolha profissional, porque nenhuma mãe gostaria de ver sua filha inserida no meio prostitucional, já que, segundo a entrevistada, existe um preconceito muito forte.

Além dos preconceitos pessoais e sociais em relação à prostituição, existe o posicionamento de algumas instituições religiosas. Uma das entrevistadas disse que não conta nada para sua família porque eles são evangélicos, frequentadores da Igreja Universal do Reino de Deus, e não iriam aceitar sua escolha.

Uma participante disse não ter contato para seus pais e filhos sobre sua profissão, mas resolveu contar a seu primo como precaução em caso de que algo lhe acontecesse enquanto estivesse na zona. Ela disse que se ela precisasse de ajuda, alguém tinha que saber seu paradeiro para socorrê-la.

Muitas mulheres preferem não contar a ninguém de sua família sobre sua escolha profissional com medo de uma possível rejeição devido às razões morais envolvidas. De acordo com Freitas (1985) a família é o meio em que as prostitutas conseguem se afirmar como uma pessoa “normal”, o que pode

ocorrer na medida em que a prostituição dá acesso a padrões de consumo socialmente valorizados.

2.3- Filhos

A média de filhos entre as entrevistadas é de 1,5, o que vai de encontro ao discurso de Gabriela Leite (2009), que afirma que as prostitutas normalmente têm famílias numerosas.

As mulheres separam-se em duas personalidades, aquela inserida num contexto familiar – a mãe, e aquela inserida num contexto dito da rua – a prostituta. A definição de cada espaço é bem marcada, não envolvendo seus filhos em seu ambiente de trabalho. De acordo com Castro (1993), há um antagonismo entre os dois mundos, o de “fora” e o de “dentro” da prostituição, no qual o primeiro é representado por valores morais e o segundo, tem valores e expressões completamente diferentes, seguem a regra da zona. Goffman (2008) complementa que essa divisão do mundo do indivíduo em lugares públicos e lugares retirados estabelece o preço que se paga pela revelação ou pelo ocultamento e o significado que tem o fato de o estigma ser conhecido ou não.

Em seus discursos, as entrevistadas citam bastante os filhos, demonstrando preocupação com seu bem estar e estudos. As mulheres têm o sonho que seus filhos tenham uma formação escolar, pois entendem a importância que os estudos terão em suas vidas, principalmente para arrumar empregos com melhores remunerações. Alegam que boa parte do dinheiro que ganham na prostituição é revertida para pagar o sustento e a educação dos filhos, confirmando o que Moraes (1995) havia dito anteriormente sobre a preocupação dessas mães prostitutas em relação ao futuro de seus filhos, evitando uma “má formação”.

Uma das entrevistadas citou que está muito preocupada com seu filho, que está tendo envolvimento com drogas (maconha) e que ela está procurando um tratamento para evitar que o vício tome maiores proporções. Ela teve envolvimento com drogas anteriormente também, mas deixou de usa-las quando se deu conta que deixava de dar dinheiro aos filhos para se drogar. Ela

narrou que um dia estava chegando em casa e viu seu filho, este que hoje usa maconha, brincando na chuva sem ter um casaco para vestir. Neste momento, ela percebeu que a droga estava prejudicando não só a sua vida como a de seus filhos, deixando de usá-la naquele momento.

Todos os filhos das entrevistadas estudam, com exceção de um que já é maior de idade e completou seus estudos no ensino médio, e desse que está se envolvendo com drogas. Elas dizem acompanhar os estudos de perto, entrando em contato frequentemente com a escola para saber o desenvolvimento e o progresso dos filhos.

Somente duas entrevistadas contaram a seus filhos qual é sua real profissão. Uma delas disse que o filho reagiu de forma boa, dizendo para ela que não via problema nenhum, pois ela é a sua mãe e que ele a ama de qualquer jeito. Ao falar isso, a entrevistada demonstrou muito orgulho de sua relação com seu filho, ressaltando também o quanto gosta dele.

As outras entrevistadas alegam que seus filhos são muito pequenos e que não tem cabimento contar sobre sua profissão. Muitas vezes, sua maior preocupação está em preservar sua imagem com o seu filho, evitando a vergonha e o preconceito.

A maioria das entrevistadas mora junto ou próximo aos seus filhos, mantendo uma convivência constante ou, até mesmo, diária. Somente duas entrevistadas moram distantes de seus filhos, sendo que o filho de uma mora com a mãe em um bairro distante e o da outra mora com o pai em Minas Gerais. A que tem o filho morando com a mãe diz manter o contato todos os dias, ligando sempre para saber como está. Já a que tem o filho morando com o pai não tem tanto contato, fala às vezes por telefone e acaba vendo filho poucas vezes, apenas quando arruma dinheiro para ir encontrá-lo. Nesse caso, o filho é sustentado pelo pai e ela só contribui com presentes. Pode-se observar aí uma distância entre mãe e filho que pode estar vinculada ao que Bacelar (1982) havia mencionado sobre alguns casos que a criança vai morar com o pai e com a família paterna, devido aos valores sociais e morais atribuídos a escolha profissional da mãe.

Os demais pais dos filhos das prostitutas foram pouco citados, já que não moram junto com elas. As poucas mulheres que falaram neles disseram que não ajudam muito, algumas os colocaram na justiça para ganhar pensão, ficando os filhos sobre sua própria responsabilidade ou de sua família,

repetindo de certa maneira a história das próprias entrevistadas que tiveram pouco contato com seus pais, que abandonaram a família para viver com outra mulher. Na maioria das vezes a família da prostituta é formada por ela e seus filhos, constituindo uma família elementar. Em alguns casos há formação de família ampliada, a qual é formada por famílias elementares e agregados que moram na mesma residência (Moraes, 1995).

Uma das entrevistadas fala que tem dificuldade com os pais de suas filhas (cada uma é filha de um pai) na questão de pagamento de pensão. O pai da mais velha está na justiça porque parou de pagar pensão há quatro anos e o pai da menor não tem pago porque estava desempregado. Segundo a entrevistada, quando ele está trabalhando costuma a pagar a pensão. Percebi pelo tom de sua fala que a entrevistada não se dá bem com o pai da filha mais velha, mas isso já não acontece com o pai da mais nova, sendo até mais benevolente com o mesmo.

Como nota de curiosidade, além das entrevistas com as dez mulheres trabalhadoras da Vila Mimosa, foram feitas outras duas entrevistas com mães de prostitutas que estavam também no ambulatório para serem atendidas. Elas me falaram que souberam da profissão de suas filhas através de terceiros, uma soube por seu filho (irmão da prostituta) e a outra através de um amigo. As duas declararam que ficaram “sem chão” quando descobriram e que, de início, a convivência ficou difícil. Com o passar do tempo, aceitaram um pouco melhor, mas sempre incentivando a saída delas da prostituição.

Uma das entrevistadas disse que a sua mais velha fazia programas na Vila Mimosa e ela passou a trabalhar em uma barraquinha na zona para poder ficar próxima dessa filha. Porém, a entrevistada ficou doente durante um tempo, o que a deixou acamada e impossibilitada de trabalhar. Nessa época, sua filha mais nova passou a trabalhar também no meretrício para ajudar nas despesas da casa. Hoje em dia, nenhuma das duas trabalha na prostituição, mas a mãe continua na barraquinha.

Essa entrevista foi um pouco contraditória no meu ponto de vista, pois, ao mesmo tempo em que ela condena a entrada de uma das filhas na prostituição, ela admite a inserção da outra para ajudar nas despesas. Da mesma forma que ela diz que o desejo era vê-las fora daquele meio, ela, própria mãe, passa fazer parte do mesmo meio com sua barraquinha.

A filha da outra entrevistada continua na ativa e estava, inclusive, realizando programa enquanto eu entrevistava a mãe. A mãe disse que sofre muito com essa escolha da filha e reza para que ela largue essa vida. A entrevistada comentou que está arrumando meios para a filha sair ano que vem (2011) e que não precise voltar a ser “mercadoria”.

Conforme visto nas análises dos resultados, as mulheres possuem vida dupla, tendo uma identidade enquanto trabalham como prostitutas e outra quando retornam às suas casas. Muitos dos dados encontrados nas entrevistas confirmaram o que foi dito na literatura consultada, revelando um conjunto de características próprias de um grupo. Porém, um dos dados que mais chamou a atenção foi a repetição do padrão de comportamento que essas mulheres tem em relação à escolha do parceiro amoroso. Assim como suas mães, as entrevistadas não mantiveram envolvimento amorosos duradouros com os pais de seus filhos, nem mesmo mantêm um relacionamento amistoso com os mesmos depois de separadas. Tal fato merece uma atenção maior em outros estudos, levando em consideração as possíveis transmissões intergeracionais ocorridas nas famílias das prostitutas.